

Alexander FIDORA, *Die Wissenschaftstheorie des Dominicus Gundissalinus. Voraussetzungen und Konsequenzen des zweiten Anfangs der aristotelischen Philosophie im 12. Jahrhundert*, Akademie Verlag, Berlin 2002, 219 pp. ISBN: 3-05-004005-X.

O leitor interessado ficará surpreendido ao ler no prefácio que esta obra representa a publicação de doutoramento do autor. Alexander Fidora não é um *nomen ignotum* no âmbito da filosofia medieval na Península Ibérica. O jovem assistente da *Johann-Wolfgang-Goethe Universität* em Frankfurt am Main, além das suas participações científicas no âmbito do Seminário do Gabinete de Filosofia Medieval da Universidade do Porto, tem publicado com regularidade textos e traduções de textos medievais, tanto em língua alemã como em língua espanhola. De salientar a tradução alemã da *Ars brevis* de Raimundo Llull na editora Mainer em Hamburgo em 1999; ou a edição na editora Klostermann em Frankfurt da obra *Vom einen zum Vielen. Die Anfänge der Metaphysik im 12. Jahrhundert* em 2002; ou ainda o artigo *Ramon Llull - Caballero de la fe. El Arte luliana y su proyección* em Pamplona pela Universidad de Navarra nos *Cuadernos del Anuario Filosófico* em 2001, para citar somente as suas mais recentes publicações.

Este doutoramento, defendido em 15.01.2003, propõe-se oferecer um distinto quadro historiográfico para a compreensão de Domingo Gundissalvo (ca. 1110-1190). Assim, perante a historiografia francesa, ainda regida pela figura de Étienne Gilson, que via em Domingo Gundissalvo um «augustinisme avicennisant» (p. 55), Fidora propõe, em contrapartida, um «avicennisierender Boethianismus» (p. 89 sqq.), i.e., um «boecianismo avicenzante». Lemos então a prova extensiva de que o autor estudado preparou o que Ludger Honnefelder designou por «der zweite Anfang der Metaphysik» (o segundo começo da metafísica), ao integrar o impacto da filosofia árabe, que Honnefelder por sua vez negligenciou.

Na introdução (pp. 9-21) Fidora começa por identificar a figura de Gundissalvo e a sua obra, uma vez que estudos anteriores referem diferentes nomes como um ‘Dominicus Gundisalvi’ tradutor e um ‘Dominicus Gundisalvus’ filósofo. A obra do arqui-diácono consiste portanto no *De divisione philosophiae*, obra sobre a qual versa maioritariamente este doutoramento; num *De anima*; num *De immortalitate animae*, possivelmente plagiado por Guilherme de Auvergne; num *De unitate* e num *De processione mundi*.

Intitulado *Die lateinisch-christliche und arabische Tradition als Voraussetzungen der wissens- und wissenschaftstheoretischen Aristoteles-Rezeption bei Gundissalinus* depara-se-nos o primeiro bloco argumentativo da obra (pp. 23 a 95). No seu primeiro capítulo, Fidora expõe a influência da Bíblia, concluindo que no *De divisione philosophiae* existe uma clara distinção entre Filosofia e Teologia, não obstante a confluência entre ambas. De acordo com Fidora, a ‘concordantia’ entre filosofia e as Escrituras Sagradas ocorre porque ambas são a verdade e não para que sejam verdade. No segundo capítulo, o autor analisa a recepção de Boécio na obra gundissalina, examinando o problema do

conceito de abstracção na obra boeciana e a respectiva resolução proposta pelo filósofo de Cuéllar. A subtil discussão de diferentes conceitos transformados, ou como escreve Fidora, 'corrigidos', por Gundissalvo (*intellectus* e *intelligentia*), cuja influência se estenderá até São Tomás; a análise boeciana das ciências segundo os seus métodos; a leitura da axiomática das ciências, bem como a sua subordinação e diferenciação têm por objectivo demonstrar que Gundissalvo foi mais do que um « compilador medíocre ». Outrossim, um « pensador autónomo e corajoso » (p.75), que, em função da leitura dos textos árabes, propôs novas soluções para problemas da filosofia cristã. Além disso, graças à teoria noética de abstracção, essa leitura ter-lhe-á permitido chegar a uma divisão das ciências à maneira aristotélica, fazendo dele, por isso, um continuador de Boécio com recurso a posições de Avicena (p. 75 sq. e 89 sqq.). Para completar este quadro, o nosso autor ainda nos oferece um capítulo sobre as influências de Isidoro de Sevilha, destacando a importância da astronomia, da medicina e do papel de Isidoro na recepção da filosofia árabe.

A segunda parte da obra, intitulada *Die Konsequenzen der expliziten Aristoteles-Rezeption für die Wissens- und Wissenschaftstheorie bei Gundissalinus* estende-se da página 97 à 180. Após ter explicitado o problema do conhecimento de Aristóteles para Gundissalvo, Fidora analisa a interpretação gundissalina da *Física* II, 7 a fim de chegar à conclusão que a fonte utilizada em Toledo é o *Aristoteles arabus* (p. 113 sq.). A esta prova segue-se um capítulo sobre a *hêxis* aristotélica e os métodos das ciências como faculdades da alma (*Seelenvermögen*), para comparar o conceito de *habitus* com o de Gundissalvo, em que a influência de Boécio é notável. Paralelamente, encontramos ainda a axiomática das ciências em Aristóteles e a subordinação e diferenciação das ciências aristotélicas confrontadas com os modelos gundissalinos. O bloco termina com a questão da tripartição aristotélica da filosofia prática, comparada com a divisão gundissalina.

No final destes dois blocos argumentativos densos, extensos e entrelaçados, o último capítulo inicia-se com uma interpretação historiográfica cuja intenção é claramente revelada pelo título: *Gundissalinus und der 'zweite Anfang' der aristotelischen Philosophie*. Expondo todos os laços do tecido argumentativo em questão, Fidora justifica que, com Gundissalvo, 'momentos essenciais' do Renascimento do século XII e XIII se concentraram num 'segundo começo' (p. 193) da filosofia de Aristóteles. Com a autoridade de Ludger Honnefelder afirma que Gundissalvo, embora sendo anterior, pertence ao grupo de pensadores que Honnefelder considera como o ponto de partida do 'segundo começo da Metafísica'. Segundo Fidora, portanto, Gundissalvo deverá entrar no panteão que a historiografia alemã tinha até agora reservado a São Tomás e a Duns Escoto. Competirá ao leitor deixar-se ou não convencer.

Cristóvão da Silva Marinheiro
(UI&D, LIF, Linguagem, Interpretação e Filosofia,
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)